

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DE UMA VIVÊNCIA MARAJOARA

Alice de Cássia Castro Rodrigues ¹
Lorrane Costa Valentim ²
Solange Pereira da Silva ³

Resumo

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência desenvolvido a partir da realização de uma oficina pedagógica com acadêmicos do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, Campus Marajó-Breves. A atividade teve como base a história de Pedro e a feira, de autoria das pesquisadoras, que narra a trajetória de um menino marajoara que auxiliava a mãe na feira e, por meio dos estudos, transformar sua realidade. O objetivo da proposta é promover a alfabetização por meio de uma narrativa que dialoga com o cotidiano dos alunos, tornando o processo de aprendizagem mais significativo e acessível. A metodologia adotada é de abordagem qualitativa, com caráter descritivo, voltada à compreensão das experiências vivenciadas no contexto educacional analisado. Para isso, foi realizada uma pesquisa de campo, com observação e registro de elementos do cotidiano marajoara, além de uma revisão bibliográfica fundamentada em autores como Freire (1967), Soares (2020) e Gonçalves (2021), Vygotsky (1934; 2008), Cosson (2014) e Kleiman (1995). Embora os resultados não tenham sido imediatos, a experiência aponta caminhos promissores para a formação de professores mais sensíveis à realidade local. Conclui-se que a contação de histórias, quando integrada ao contexto sociocultural dos alunos, constitui uma estratégia eficaz para o desenvolvimento da alfabetização, ao valorizar os saberes regionais e fortalecer a relação entre escola, cultura e comunidade.

Palavras-chave: Alfabetização, Contação De Histórias, Cultura Marajoara, Formação Docente

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, alice.rodrigues@breves.ufpa.br;

² Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, valentimlorrane6@gmail.com

³ Professora orientadora: Doutora em Educação da UFPA. Professora da Faculdade de Educação e Ciências Humanas, do Campus Universitário do Marajó Breves. Professora Coordenadora de Área – do Programa de Iniciação à Docência UFPA. Polo de Breves. e-mail; solangesilva@ufpa.br



INTRODUÇÃO

A alfabetização no Brasil ainda enfrenta inúmeros desafios, especialmente em contextos regionais onde as práticas pedagógicas nem sempre dialogam com a realidade sociocultural dos alunos. No arquipélago do Marajó, localizado no estado do Pará, essa dificuldade se torna ainda mais evidente diante das desigualdades históricas e da carência de recursos educacionais que valorizem as vivências locais.

Nesse cenário, torna-se essencial buscar estratégias pedagógicas que promovam a aprendizagem de forma significativa, contextualizada e culturalmente sensível. Uma dessas estratégias é a contação de histórias, prática ancestral que desperta o interesse, estimula a imaginação e pode ser uma poderosa aliada no processo de alfabetização e letramento. Quando integrada ao cotidiano dos alunos e à cultura regional, como a marajoara, a contação de histórias adquire um potencial transformador, pois aproxima o conteúdo escolar da experiência vivida, tornando a aprendizagem mais concreta e participativa.

Diante disso, este trabalho parte da seguinte problemática: como a contação de histórias pode contribuir para um processo de alfabetização mais significativo, quando articulada com a realidade sociocultural dos alunos marajoaras? A escolha por esse tema se justifica pela necessidade de repensar práticas pedagógicas que ainda se baseiam em métodos descontextualizados, pouco atrativos e distantes da realidade dos alunos. Além disso, a formação docente precisa considerar a diversidade cultural como elemento estruturante do processo educativo, valorizando saberes populares, tradições orais e experiências locais como recursos legítimos de ensino.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, com foco na análise das experiências vividas durante a oficina. Essa abordagem, conforme Gil (2008), busca compreender as experiências vivenciadas em determinados grupos e contextos, neste caso, o papel da contação de histórias no processo de alfabetização e letramento em contextos socioculturais específicos, como o marajoara.

A coleta de dados foi realizada a partir de uma oficina pedagógica, conduzida



por discentes do curso de pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA) campus Marajó-Breves, no âmbito da disciplina Alfabetização, Linguística, Letramento Escolar e Gêneros Discursivo, reunindo neste momento 28 discentes do curso de pedagogia e 5 crianças. A oficina teve como um dos elementos a história Pedro e a feira, de autoria das próprias pesquisadoras, inspirada em elementos do cotidiano marajoara.

O processo de criação da história para a sua aplicação na oficina, enquadra-se na pesquisa de campo, segundo Gonçalves (2001):

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...] fundamentada na observação direta das práticas realizadas durante a oficina, acompanhada de registros escritos e reflexivos. (2001, p.67).

Mediante a isso, a pesquisa de campo possibilita compreender a realidade social a partir da observação direta dos fenômenos, permitindo ao pesquisador captar informações que dificilmente seriam acessadas apenas por meio de fontes secundárias. A partir desta perspectiva que optou-se por realizar uma visita à feira de Breves, espaço onde se manifesta de forma intensa a cultura e a dinâmica social marajoara.

A presença nesse ambiente proporcionou contato com vendedores, clientes e práticas cotidianas que inspiraram a narrativa “Pedro e a feira”, utilizada na oficina pedagógica. Assim, o procedimento metodológico adotado não apenas garantiu a coleta de informações contextualizadas, mas também favoreceu a construção de uma proposta educativa alinhada à realidade local e aos saberes regionais.

REFERENCIAL TEÓRICO

A análise dos dados fundamentou-se em autores como Freire (1967), Soares (2020) e Gonçalves (2021), Vygotsky (1934; 2008), Cosson (2014) e Kleiman (1995) cujas contribuições dialogam com os princípios da educação libertadora, do letramento e da valorização cultural no processo de ensino-aprendizagem.

As discussões contemporâneas sobre alfabetização e letramento demarcam a superação de uma compreensão estritamente técnica do aprender a ler e escrever. Conforme Soares (2020), alfabetizar implica tanto o domínio do sistema de escrita quanto a inserção em práticas sociais de leitura e de produção textual. A autora sustenta



que a aprendizagem da língua escrita carece de sentido quando dissociada de usos concretos e culturalmente situados.

Tal perspectiva converge com a crítica freireana à educação bancária. Para Freire (1967), "a leitura do mundo precede a leitura da palavra", e, portanto, qualquer processo de alfabetização precisa partir da experiência vivida, dialogando com o universo vocabular e simbólico dos sujeitos. A contação de histórias ancorada no cotidiano, como a narrativa do menino marajoara que vive a feira, corporifica essa exigência política e epistemológica da educação como prática de liberdade.

Sob um viés sociocultural, Vygotsky (1934; 2008) destaca que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores é mediado por instrumentos e signos produzidos historicamente. A linguagem, oral ou escrita, não é mero código, mas tecnologia cultural que reorganiza modos de pensar. Assim, quando a escola incorpora narrativas locais, ela não apenas alfabetiza: ela reconhece e converte saberes comunitários em capital simbólico legítimo.

Ao discutir o papel da literatura na formação dos sujeitos, Cosson (2014) propõe o conceito de letramento literário, entendido como o processo pelo qual o leitor se apropria da linguagem literária e passa a utilizá-la como forma de interpretar o mundo e a si mesmo. Para o autor, a leitura literária não se restringe ao contato com textos artísticos, mas constitui uma prática social e cultural que amplia horizontes cognitivos, afetivos e éticos. Assim, a escola, ao mediar o encontro entre os alunos e a literatura, deve garantir que essa experiência seja significativa e formativa.

Por fim, estudos de letramento como os de Kleiman (1995) sustentam que as práticas de leitura e escrita são sempre ideológicas, situadas em relações de poder, saber e pertencimento. Nesse sentido, ao legitimar narrativas amazônicas em contextos formativos, a prática relatada atua contra o colonialismo epistemológico que marginaliza repertórios periféricos, ampliando as possibilidades de reconhecimento de identidades locais no espaço escolar.

RELATO DE EXPERIÊNCIA E A ANÁLISE DOS RESULTADOS

A história Pedro e a Feira foi um produto criado para o desenvolvimento de uma oficina conduzida por discentes do curso de pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA) campus Marajó-Breves, no âmbito da disciplina Alfabetização, Linguística, Letramento Escolar e Gêneros Discursivos, reunindo neste momento 28 discentes do



curso de pedagogia e 5 crianças. A oficina se constitui com uma sequência de atividades com o enfoque na Alfabetização e Letramento, articulando esse processo com o contexto local marajoara.

A narrativa foi realizada no momento planejado para a contação de história. Inspirada em uma história real, retrata a vida de um menino trabalhador da feira municipal de Breves, cujo sonho era tornar-se professor de matemática. Contudo, ao confrontar sua realidade, o personagem se via desmotivado e sem esperanças, devido às suas condições socioeconômicas e à sua cor de pele.

No entanto, ao decorrer da história, Pedro encontra pessoas que lhe mostram que seu sonho não é impossível, e que sua realidade e cor de pele não são obstáculos para a conquista de seus objetivos. Ao final, o personagem consegue realizar seus sonhos, com o apoio de pessoas empáticas e respeitosas que entram em sua vida, oferecendo-lhe incentivo e apoio.

Imagem 01 - história de Pedro e a Feira.



Fonte - Arquivo pessoal do acadêmico, 2025.

Imagem 02 - história de Pedro e a Feira.



Fonte - Arquivo pessoal do acadêmico, 2025.

Para Gonçalves (2021), a alfabetização vai além do simples reconhecimento das letras, devendo considerar as vivências culturais e sociais dos aprendizes. Nesse sentido, ao incorporar elementos do seu cotidiano nas leituras, o aprendizado se torna mais significativo, uma vez que tais elementos são familiares, facilitando o processo de aprendizagem. Durante o momento notou-se o interesse e a facilidade das crianças presentes para acompanhar a leitura e compreender a história, sendo acessível e relevante.

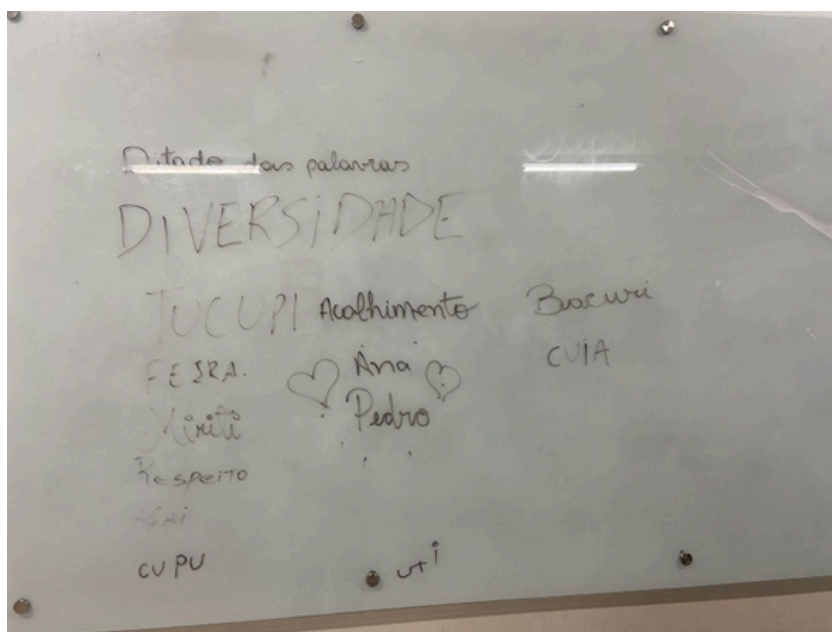
Nessa ótica, ao abordar o contexto da diversidade, essa abordagem também contribui para o desenvolvimento do senso crítico das crianças, promovendo o exercício da empatia e do respeito ao próximo, e ensinando-lhes que, independentemente das diferenças, como a cor da pele ou a condição socioeconômica, todos somos iguais.

A vivência revelou alto engajamento dos acadêmicos ao serem colocados no lugar de sujeitos da prática. Desde a narração da história "Pedro e a feira", surgiram reações espontâneas de identificação com a cena social retratada, sobretudo no que se refere ao trabalho infantil cotidiano na feira, à economia familiar de subsistência e à percepção da escola como via de mobilidade social. Confirmando com a tese freireana de que "a leitura do mundo" antecede e potencializa a leitura da palavra (Freire, 1967), conferindo densidade subjetiva à aprendizagem.

A partir da contação da história "Pedro e a feira", foram desenvolvidas atividades voltadas à leitura, escrita e formação de palavras, com o objetivo de tornar o processo de alfabetização mais lúdico e significativo. Na primeira dinâmica, denominada "O balão das palavras", os participantes, dispostos em círculo, passavam um balão enquanto uma música tocava. Ao cessar a música, quem estivesse com o balão deveria ir até a lousa e escrever uma palavra lembrada da história. Posteriormente, realizou-se uma leitura coletiva das palavras registradas. A atividade favoreceu o reconhecimento das palavras, a associação entre a forma oral e escrita e a ampliação do vocabulário.

Imagem 03 - palavras escritas pelos participantes.

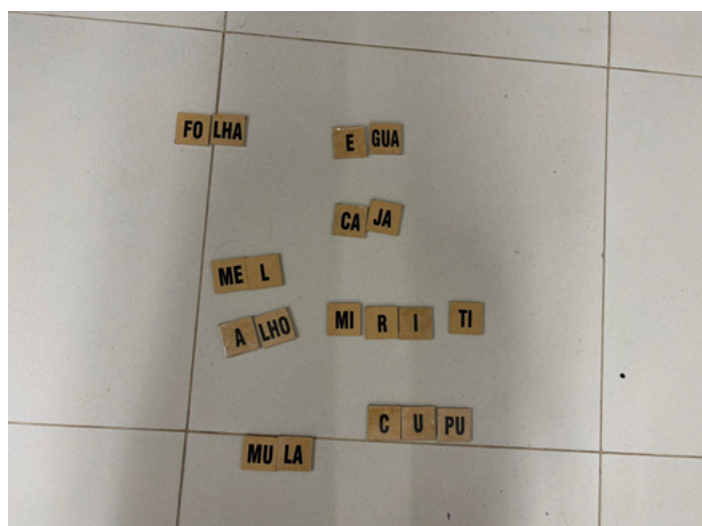




Fonte - Arquivo pessoal do acadêmico, 2025.

Em seguida, realizou-se o “Jogo das Sílabas”, no qual as equipes formaram palavras presentes na narrativa utilizando sílabas móveis. A proposta estimulou a percepção fonológica, a segmentação e combinação silábica, além de promover o trabalho em equipe e o engajamento dos participantes.

Imagem 04 - palavras formadas pela equipe 1.



Fonte - Arquivo pessoal do acadêmico, 2025.

As duas dinâmicas, articula-se a Soares (2020), reforçando a necessidade de compreender que a alfabetização e o letramento devem ocorrer de forma simultânea e



integrada, pois envolvem tanto a apropriação do sistema alfabético quanto o desenvolvimento da interpretação e produção textual em contextos reais.

Do ponto de vista formativo, a vivência proporcionou aos discentes a oportunidade de articular discursivamente como práticas narrativas territorializadas podem funcionar como potentes dispositivos para a inserção na cultura escrita, em contraposição a métodos baseados em cartilhas e exercícios descontextualizados. A imersão na posição de aprendizes promoveu uma reflexão sobre a própria práxis docente. Muitos graduandos reconheceram uma tendência pregressa ao planejamento da alfabetização sob um viés tecnicista. A internalização da relevância pedagógica da abordagem ocorreu, portanto, não por via teórica, mas pela vivência da significação textual.

A alta responsividade observada também pode ser interpretada à luz das contribuições de Vygotsky (1934; 2008), na medida em que a mediação narrativa funcionou como instrumento cultural que reorganiza modos de pensar e de atribuir significado à escrita. Ao reconhecer-se na história contada, o sujeito desloca a escrita do campo do código para o campo da experiência, condição necessária ao letramento no sentido social (Soares, 2020; Kleiman, 1995).

Embora a experiência não tenha produzido indicadores quantitativos de impacto o que não era objetivo ela produziu deslocamentos qualitativos na compreensão dos participantes acerca da alfabetização situada, alinhando-se ao letramento ideológico defendido por Street (1984) e ao letramento literário contextualizado proposto por Cosson (2014). Os achados sugerem que integrar narrativas locais na formação inicial não é mero recurso didático, mas gesto epistêmico de descolonização curricular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, conclui-se que a contação de histórias, quando integrada ao contexto sociocultural dos educandos, configura-se como uma estratégia relevante para o processo de alfabetização, pois favorece a construção de sentidos e o desenvolvimento da linguagem. Além disso, ao incorporar elementos da cultura local, essa prática estimula a participação ativa dos alunos, aproxima os saberes escolares dos saberes comunitários e potencializa o engajamento na leitura e escrita. Dessa forma, observa-se



que a escola desempenha um papel fundamental na valorização das identidades regionais, promovendo aprendizagens significativas.

Ademais, a relação entre cultura, comunidade e escola torna-se fortalecida por meio dessa abordagem, uma vez que possibilita o diálogo entre tradições orais e práticas pedagógicas contemporâneas, contribuindo, assim, para a formação integral do sujeito. Portanto, faz-se necessário que os professores adotem metodologias que contemplem a diversidade cultural e incentivem o protagonismo dos estudantes. Em síntese, a contação de histórias se consolida como uma ferramenta pedagógica potente e democrática, capaz de promover avanços na alfabetização e enriquecer o currículo escolar.

REFERÊNCIA

- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1967.
- GONÇALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas: Alínea, 2001. 80 p.
- GONÇALVES, Maria Aurilene Ferreira. **O ambiente alfabetizador no processo de alfabetização e letramento: o que as produções acadêmicas revelam**. 2021.
- SOARES, Magda. **Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- KLEIMAN, Ângela B. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. In: _____. Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15–61.
- VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. (Obra original publicada em 1934).

